

OFICIAL



São Paulo

NOTÍCIAS

A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO F. C. / REVISTA-PÔSTER

R\$ 2,50



Tricampeão Brasileiro



- Detalhes dos três grandes títulos
- Jogos, classificação, gols, fichas...
- A garra de Chicão (1977), o talento de Careca (1986) e o brilho de Raí (1991).

O TIME MAIS COMPETENTE DO SÉCULO XX

SÃO PAULO NOTÍCIAS ESPECIAL Nº 3





SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Presidente do Conselho Deliberativo
Paulo Planet Buarque

Presidente do Conselho Consultivo
Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal
Antônio Irineu Perinotto

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente
Paulo Amaral Vasconcelos

Vice-Presidente
Ademar de Barros

Diretor Secretário-Geral
Affonso Renato Meira

Diretor Administrativo
Adriano Augusto da Costa Filho

Diretor Financeiro
Rogério Langanke Caboclo

Diretor de Planejamento e Controle
Rodolpho Otto Schmidt

Diretor de Futebol
José S. Dias da Silva

Diretor Jurídico
Francisco de Assis V. Pereira da Silva

Diretor de Esportes Amadores
Paulo Eduardo Mutti

Diretor Social
Hélio Curado de Toledo César

Diretor de Manutenção
Ubirajara Jarbas de Souza

Diretor Comercial e de Promoções
Carlos Alberto Salvatore Filho

Diretor de Obras
Paulo Azevedo Marques de Saes Filho

Diretor de Futebol de Campo Social
Nilton Cerullo Júnior

Diretor de Comunicações
Eduardo Alfano Vieira

SÃO PAULO NOTÍCIAS Diretoria de Comunicação

Editor
João Prado Pacheco

Produção
Trama Editorial Ltda.

Fotos
Abril Imagens / AE

Arquivo Histórico
Agnelo Di Lorenzo

Distribuição
Fernando Chinaglia

São Paulo Futebol Clube
Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1
CEP 05653-070 - Tel.: (11) 3749-8000

(São Paulo Notícias Especial nº3)

Competência do São Paulo

O São Paulo ganhou no Século XX dois brasileiros e 20 paulistas – constituindo-comemoração, o clube está recordando estas possam vibrar com elas – e guardá-las em ca

Tricampeão Brasileiro

Copa União (disputada em 1987) e Copa João Havelange (2000) à parte, o São Paulo mostrou grande competência nos Campeonatos Brasileiros do Século XX, ganhando três títulos e chegando a oito finais. Se levarmos em conta que chegar a uma final é até mais difícil do que ganhá-la (porque num jogo

só o fator sorte é mais forte do que numa competição inteira), podemos concluir que ninguém superou o Tricolor no maior campeonato do País.

Fomos finalistas em 1971, 1973, 1977, 1981, 1986, 1989, 1990 e 1991.

Ganhamos os campeonatos de 1977, 1986 e 1991. Também fizemos festa em 1971, 1973, 1981 e 1986, porque nestes campeonatos conseguimos nos classificar para a Libertadores. Recordar grandes momentos do Tricolor, passando-os para as novas gerações de torcedores é também uma maneira de despertar garra, talento, brilho e virtudes semelhantes ao São Paulo de hoje.

Garra, por exemplo, como a do volante Chicão, do time de 1977. Que valentia! Na final daquele campeonato, os jogadores do Atlético



Arquivo AE

marca registrada no Século XX.

campeonatos mundiais, dois continentais (Libertadores), três e no time brasileiro mais vencedor dos últimos 100 anos. Em grandes conquistas nesta revista-pôster, para que os torcedores sa, no escritório, no trabalho, enfim, bem pertinho do coração.



Sérgio Berezovsky / Abril Imagens

Mineiro, empurrados por 100 mil torcedores, tentaram intimidar os do São Paulo no grito. Mas foram recuando, recuando... e na prorrogação estavam até fazendo cera, já com medo da derrota que acabou acontecendo nos pênaltis.

Talento, outro exemplo,

que sobrava para o centroavante Careca, do time de 1986. Um jogador tão fora de série que os próprios companheiros, ao se verem acuados pelo placar desfavorável no fim da prorrogação da finalíssima contra o Guarani, concluíram que só ele poderia resolver. E Careca resolveu! – marcando um gol espetacular, incrível,

maravilhoso, de sem pulo, aos 15 minutos do 2º tempo da prorrogação.

Brilho, mais um exemplo, como o de Raí, outro grande craque da história tricolor, que começou a se tornar o jogador que

foi no time campeão brasileiro de 1991. Aquele título foi o primeiro da fase mais áurea da trajetória do São Paulo, época em que também brilharam Zetti, Leonardo, Antônio Carlos, Cafu... e Telê Santana, o técnico, que até então era chamado de “pé frio” pelos fofoqueiros.



Orlando Kissner / AE

1977: DEPENAMOS O GALO EM PLENO MINEIRÃO.

À decisão foi com o Atlético Mineiro, no Mineirão, dia 5 de março de 1978. O Atlético tinha feito melhor campanha e, por isso, jogava em casa. Era, evidentemente, o favorito. Só que o São Paulo, comandado pelo raçudo Chicão, 'cozinhou o galo' durante os 90 minutos regulamentares e levou a decisão para os pênaltis. Ganhou, levando o grande estádio a viver um momento de "silêncio ensurdecidor". Pois que dos 102.975 pagantes, nem os 2.975 eram são-paulinos.

O São Paulo naquele ano não tinha um time de craques. Na verdade, nem era um bom time, pois passava por uma fase de reformulação. Mas tinha alguns jogadores que faziam a diferença, casos do goleiro Valdir Perez, do supereficiente zagueiro Bezerra, do valente Chicão e do craque Dario Pereyra, para citar quatro características diferentes. Outro que fazia a diferença, o centroavante artilheiro Serginho não jogou, porque estava suspenso.

Aliás, 'jogou', já que sua ausência foi usada pelo São Paulo como 'arma psicológica'. Sob o argumento de que o

clube havia conseguido 'efeito suspensivo', Serginho viajou para Belo Horizonte, entrou no vestiário, trocou-se e foi 'mostrado' com o uniforme... Antes do jogo, as rádios mineiras só falavam nisso e os dirigentes do Atlético garantiam: se Serginho entrasse, Reinaldo, o artilheiro deles, que do mesmo modo estava suspenso, também entraria.

Serginho não entrou, mas os jogadores cresceram com o episódio. O favoritismo do Atlético começara ali a ser colocado em cheque. Durante o jogo, o que se viu foi um crescer constante do São Paulo, ao mesmo tempo em que o Atlético ia se encolhendo. O lance mais polêmico da partida, vejam, aconteceu na prorrogação: Chicão deu um chute no pé do meia mineiro Ângelo, que estava caído, instando-o a se levantar para que a partida continuasse. Para Chicão, Ângelo estava fazendo cera. O jogador mineiro, entretanto, estava mesmo machucado. Os mineiros aproveitaram o episódio para dizer que Chicão havia pisado num jogador caído e machucado. Chamaram-no até



O goleiro Valdir Perez foi fundamental em grandes defesas, soube enervar os jogadores

de 'carrasco' no dia seguinte, como parte do choro pela derrota, nos pênaltis, após 0 a 0 nos 90 minutos e na prorrogação.

Quis o destino, porém, que Chicão errasse o primeiro pênalti da série decisiva.

Ziza bateu e fez Atlético 1 a 0.

O lateral Getúlio cobrou o nosso segundo pênalti. Errou também!

Alves fez Atlético 2 a 0.

O desconhecido meia Peres cobraria o terceiro pênalti tricolor. Se também errasse... Mas acertou.

Aí Valdir Perez entrou em ação.

CAMPANHA DE 1977

1ª FASE

Náutico 0 X 1 São Paulo
Botafogo-PB 0 X 2 São Paulo
CSA 0 X 0 São Paulo
XV de Piracicaba 1 X 1 São Paulo
Palmeiras 2 X 0 São Paulo
São Paulo 1 X 0 Santa Cruz
São Paulo 3 X 0 Treze-PB
São Paulo 2 X 0 Sport
São Paulo 4 X 0 CRB

2ª FASE

Corinthians 2 X 0 São Paulo
São Paulo 5 X 0 Brasília
Internacional 1 X 4 São Paulo
América-RJ 0 X 0 São Paulo

3ª FASE

São Paulo 4 X 2 XV de Piracicaba
Ponte Preta 1 X 3 São Paulo
Botafogo-SP 1 X 0 São Paulo
São Paulo 4 X 3 Sport
São Paulo 3 X 1 Grêmio

SEMIFINAIS

São Paulo 3 x 0 Operário-MS
Operário 1 X 0 São Paulo

FINAL

Atlético-MG 0 X 0 São Paulo
São Paulo 3 X 2 nos pênaltis

FICHA TÉCNICA DA FINAL

Data: 05/03/78
Local: Mineirão
Público: 102.975 pagantes
Juiz: Arnaldo César Coelho
Gols nos pênaltis: Ziza (Atlético 1 a 0); Alves (Atlético 2 a 0), Perez (Atlético 2 a 1), Bezerra (2 a 2) e Antenor (São Paulo 3 a 2)

Times

São Paulo: Valdir Perez, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres), Dario Pereyra e Viana (Neca); Mirandinha e Zé Sérgio.
Técnico: Rubens Minelli.

Atlético-MG: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Marcelo e Ângelo; Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza.
Técnico: Barbatana.



José Pinto / Abril Imagens

a conquista do título de 1977. Além de
pres do Atlético na cobrança de pênaltis.

Com catimba, esperteza, sangue frio e, por que não, ajuda 'divina', ele foi o principal responsável pelo fato de o Atlético ter errado seus outros três pênaltis, com o volante Toninho Cerezo, o atacante Joãozinho Paulista e o zagueiro Márcio.

Já o São Paulo converteu as penalidades que lhe restavam, com Antenor e Bezerra, este um razoável lateral-esquerdo quando veio do Guarani, transformado num dos maiores quartos-zagueiros da história do São Paulo. Um quarto-zagueiro que os atleticanos não vão esquecer nunca.

CLASSIFICAÇÃO

1ª FASE – GRUPO B

- 1) Palmeiras, 20 pontos ganhos
- 2) São Paulo, 18
- 3) Santa Cruz, 13
- 4) XV de Piracicaba, 12
- 5) CSA, 11
- 6) CRB, 10
- 7) Náutico, 7
- 8) Sport, 6 - Treze, 6
- 10) Botafogo-PB, 4

2ª FASE – Grupo G

- 1) Corinthians, 9 pontos ganhos
- 2) São Paulo, 7
- 3) América-RJ, 5
- 4) Internacional-RS, 4
- 5) Brasília, 0

3ª FASE – GRUPO U

- 1) São Paulo, 11 pontos ganhos
- 2) Grêmio, 7
- 3) Botafogo-SP, 6
- 4) Ponte Preta, 5
- 5) Sport, 4
- 6) XV de de Piracicaba,

1991: O PRIMEIRO TÍTULO DA "ERA TELÊ".

Muita gente efine a grande fase do São Paulo no começo dos anos 90 como a "Era Telê". Tudo bem. Tempos de Telê e também de Raí, Zetti, Ronaldão, Cafu, Leonardo, Antônio Carlos, Muller (2ª fase), Cerezo, Dinho, Adílson, Macedo, Mário Tilico. Tempos de campeão brasileiro, bicampeão paulista, bi da Libertadores, bimundial, Supercopa da Libertadores, Recopa Sul-Americana, Conmebol...

Pois é, tudo isto começou com o título de campeão brasileiro de 1991.

Foi o início daquela grande fase, que veio como bonança após a tempestade de 1990, quando o São Paulo caiu para uma espécie de 2ª Divisão do Campeonato Paulista. (No Paulista-90, então classificatório para o de 1991, o Tricolor não se classificou para o Grupo Verde, onde ficaram os outros grandes e os melhores pequenos. "Caiu" para o Grupo Amarelo, um grupo de repescagem, com os piores times pequenos. Depois, por uma brecha no regulamento, acabou ganhando o título paulista de 1991, mas isto é outra história.) A tempestade prosseguiu no 2º semestre de 1990, quando o São Paulo chegou à final do Brasileiro mas perdeu-a para o Corinthians. Tempestade brava!

Após a tempestade, a bonança.

Em 1991, o calendário do futebol foi invertido. O ano começou com o Campeonato Brasileiro, repetindo o que acontecera no semestre anterior.

Desta vez, não teve pra ninguém. O São Paulo de Telê, de Raí, Ronaldão, Muller, Leonardo e companhia chegou em primeiro lugar na fase de classificação; derrotou o velho freguês Atlético Mineiro nas semifinais; e liquidou o então campeão paulista Bragantino, do técnico Carlos Alberto Parreira, nas finais.

Bragantino. O primeiro em São Paulo, o segundo em Bragança. O time de Parreira levou a vantagem de decidir em casa porque fez três pontos nas semifinais com o Fluminense, enquanto o São Paulo superou o Atlético-MG com dois empates.

A primeira final foi no Morumbi. Deu Tricolor 1 a 0, gol de Mário Tilico, um ponta que corria tanto, tanto, que, falavam, faria bonito nos 100 metros rasos de atletismo de uma Olimpíada.

A finalíssima foi em Bragança Paulista, no acanhado (e superlotado) Estádio Marcelo Stefani. Como o empate interessava, o São Paulo jogou com cautela. O Bragantino também. Parreira sabia que seu time não podia se abrir, sob pena de tomar um gol de contra-ataque e ter, depois, de fazer dois. Apesar disso, foi um jogo supernervoso. Além de toda apreensão que cerca uma final de campeonato, esta tinha um ingrediente a mais: a fama de 'pé frio' de Telê Santana também estava em jogo.

Esta provocação de parte da imprensa ao técnico veio à tona na final do Brasileiro do ano anterior, quando o São Paulo perdera a final para o Corinthians. Tinha como pano de fundo as derrotas da Seleção Brasileira, sob o comando de Telê, nas Copas do Mundo de 1982 e 1986. Os três (São Paulo e seleções) foram considerados os melhores times das respectivas competições, e os campeões foram outros.

Mas o São Paulo acabou com essa história de 'pé frio'. A finalíssima terminou em 0 a 0 e aquele 1 a 0 do Morumbi, gol de Mário Tilico, foi o fator determinante do título. Estava dada a largada para a grande fase dos anos 90. E para a nova história de Telê Santana. Foram mais de 20 títulos – numa nova demonstração de que o sucesso pode demorar, mas não falha quando inspiração e transpiração andam juntas.

1986: O BUGRE ATÉ QUE DEU TRABALHO. MAS...



Waldemar Padovani / AE

Careca, que vinha na corrida e acertou um sem pulo inacreditável de esquerda.

O Guarani nunca havia ganho um título importante e estava com tudo para tal, pensavam os campineiros,

que lotaram o Brinco de Ouro da Princesa como nunca: 37.370 pagantes. A noite de 25/02/87,

entretanto, ficaria entalada na garganta dos bugrinos: 1 a 1 nos 90 minutos, 2 a 2 na prorrogação e 4 a 3 para o São Paulo nos pênaltis.

A prorrogação foi espetacular! Os pênaltis também, obviamente.

O Guarani abriu a contagem aos 2 minutos do 1º tempo, gol contra do nosso lateral-esquerdo Nelsinho. Quando o volante Bernardo empatou, aos 9, com um belo gol de cabeça, Nelsinho correu até ele e fez questão: "Vou dar um beijo nessa sua testa maravilhosa, Negão!"

Dali para a frente os adversários se respeitaram e o placar dos 90 minutos regulamentares ficou no 1 a 1.

Veio a prorrogação e logo aos 2 minutos Pita fez São Paulo 1 a 0. Cinco minutos depois Marco Antônio Boiadeiro empatou: 1 a 1.

Aos 2 minutos do segundo tempo, o ponta João Paulo fez Guarani 2 a 1. O São Paulo atacava, dominava, fustigava, pressionava... e nada! Os campineiros já comemoravam o título inédito quando, aos 15 minutos aconteceu isto: tiro de meta para o

CAMPANHA DE 1986

1ª FASE

Coritiba 0 X 1 São Paulo
Sobradinho 0 X 1 São Paulo
São Paulo 1 X 1 Bangu
São Paulo 4 X 0 São Paulo
São Paulo 0 X 0 Internacional
São Paulo 4 X 0 Sampaio Correia
Fluminense 2 X 3 São Paulo
Operário 1 X 2 São Paulo
Remo 0 X 2 São Paulo
São Paulo 3 X 2 Sport

2º FASE

Ponte Preta 0 X 2 São Paulo
São Paulo 2 X 0 Santos
São Paulo 2 X 0 Bangu
São Paulo 1 X 1 América-RJ
Palmeiras 0 X 0 São Paulo
Joinville 0 X 0 São Paulo
Treze-PB 1 X 0 São Paulo
São Paulo 5 X 0 Botafogo-RJ

Santos 0 X 0 São Paulo
América-RJ 0 X 0 São Paulo

São Paulo 4 X 1 Treze-PB
São Paulo 6 X 1 Ponte Preta
Botafogo-RJ 0 X 0 São Paulo
São Paulo 2 X 2 Palmeiras
São Paulo 5 X 0 Joinville
Bangu 1 X 0 São Paulo

3ª FASE

Internacional 2 X 1 São Paulo
São Paulo 3 X 0 Internacional

4ª FASE

Fluminense 1 X 0 São Paulo
São Paulo 2 X 0 Fluminense

5ª FASE, SEMIFINAL

São Paulo 1 X 0 América-RJ
América-RJ 1 X 1 São Paulo

6ª FASE, FINAL

São Paulo 1 X 1 Guarani
Guarani 3 X 3 São Paulo
São Paulo 3 X 2 nos pênaltis

FICHA TÉCNICA DA FINAL

Data: 25/02/87
Local: Campinas, Estádio Brinco de Ouro
Juiz: José de Assis Aragão
Público: 37.370 pagantes
Gols: Nelsinho (contra) aos 2 minutos, Bernardo aos 9, ambos no 1º tempo
Gols da prorrogação: Pita a 1, Boiadeiro aos 7 (1º tempo), João Paulo aos 2 e Careca aos 15 minutos do 2º tempo
Gols nos pênaltis: Tosin (Guarani 1 a 0), Dario Pereyra (1 a 1), Valdir Carioca (Guarani 2 a 1), Fonseca (2 a 2), Rômulo (São Paulo 3 a 2), Evair (3 a 3) Wágner Basílio (São Paulo 4 a 3).

Times:

São Paulo: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Dario Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Muller, Careca e Sidney (Rômulo). Técnico: Pepe.

Guarani: Sérgio Neri, Marco Antônio, Valdir Carioca, Ricardo Rocha e Zé Mário; Tosin, Tite (Vágner) e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. Técnico: Gainete.

CAMPANHA DE 1991

Atlético-MG 0 X 3 São Paulo
Flamengo 1 X 0 São Paulo
São Paulo 1 X 2 Santos
São Paulo 1 X 0 Fluminense
São Paulo 2 X 1 Atlético-PR
Náutico 2 X 1 São Paulo
São Paulo 1 X 0 Bahia
Goiás 1 X 1 São Paulo
São Paulo 2 X 0 Grêmio
Bragantino 1 X 2 São Paulo
Palmeiras 0 X 0 São Paulo
São Paulo 1 X 1 Corinthians
São Paulo 1 X 0 Portuguesa
Vasco 2 X 2 São Paulo
São Paulo 2 X 0 Sport
Vitória 1 X 2 São Paulo
São Paulo 1 X 0 Botafogo
São Paulo 3 X 1 Cruzeiro
Internacional 1 X 0 São Paulo

SEMIFINAIS

Atlético-MG 1 X 1 São Paulo
São Paulo 0 X 0 Atlético-MG

FINAIS

São Paulo 1 X 0 Bragantino
Bragantino 0 X 0 São Paulo

FICHA TÉCNICA DA FINAL

Data: 09/06/91

Local: Bragança Paulista, Estádio
Marcelo Stefani

Juiz: José Roberto Wright

Público: 12.942 pagantes

Times

São Paulo: Zetti, Zé Teodoro, Antônio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo, Raí e Cafu; Macedo e Muller (Flávio). Técnico: Telê Santana.

Bragantino: Marcelo, Gil Baiano, Nei, Júnior e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luís Muller), Alberto e João Santos (Franklin); Mazinho e Sílvio. Técnico: Carlos Alberto Parreira.

CLASSIFICAÇÃO

1ª FASE

- 1) São Paulo e Bragantino, 26 pontos ganhos
- 2) Vasco, 19
- 3) Fluminense, Atlético-MG e Corinthians, 24
- 4) Botafogo-RJ e Bahia, 18
- 5) Palmeiras, 22
- 6) Náutico e Goiás, 17
- 7) Internacional-SP, 20
- 8) Cruzeiro, 16
- 9) Santos, Flamengo, Portuguesa e
- 10) Atlético-PR, 15
- 11) Sport, 13
- 12) Vitória, 12
- 13) Grêmio, 12

- 1) São Paulo, 17 pontos ganhos
- 2) Internacional-RS, 14
- 3) Sport, 13
- 4) Fluminense e Bangu, 12
- 5) Ceará, 10a
- 6) Sobradinho-DF, 8
- 7) Operário-MS, 7
- 8) Sampaio Correia e Remo, 6
- 9) Coritiba, 5

2ª FASE - GRUPO E

- 1) Palmeiras, 22 pontos ganhos
- 2) São Paulo, 21
- 3) Joinville e América-RJ, 18
- 4) Santos, 15
- 5) Bangu, 14
- 6) Treze, Ponte Preta e Botafogo, 12

CLASSIFICAÇÃO

1ª FASE - GRUPO A

- 1) São Paulo, 17 pontos ganhos
- 2) Internacional-RS, 14
- 3) Sport, 13
- 4) Fluminense e Bangu, 12
- 5) Ceará, 10a
- 6) Sobradinho-DF, 8
- 7) Operário-MS, 7
- 8) Sampaio Correia e Remo, 6
- 9) Coritiba, 5

2ª FASE - GRUPO E

- 1) Palmeiras, 22 pontos ganhos
- 2) São Paulo, 21
- 3) Joinville e América-RJ, 18
- 4) Santos, 15
- 5) Bangu, 14
- 6) Treze, Ponte Preta e Botafogo, 12



Rai comemora o título levantando a taça (1991).

SÃO PAULO



77•86•91

TRICAMPEÃO BRASILEIRO

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ